

VAGINISMO E INVISIBILIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE DOS TABUS NA SAÚDE DA MULHER

Amanda Guimarães Neves
Flávia Oliveira da Silva
Letícia Santos de Moraes

Professor orientador Camila Crsthina de Almeida Garrett
camila.garrett@bomjesus.br

SESC São José, Curitiba, Paraná

Resumo

Pesquisas recentes apontam que no Brasil o número de mulheres que sofrem com o vaginismo está entre 1 a 7% em todo o país, porém existe uma certa incerteza quanto a veracidade do dado, visto que grande parte do público feminino não possui conhecimento sobre a disfunção e seus sintomas. A ideia do trabalho é conscientizar e alertar a sociedade sobre os riscos do vaginismo, buscando proporcionar uma representação mais ampla para as mulheres que sofrem com essa condição diariamente, com a tentativa de estimular o interesse da população e consequentemente das áreas de saúde capazes de zelar com maior propriedade sobre o tema.

Palavras-chave: vaginismo; invisibilidade feminina; tabus sociais.

INTRODUÇÃO

A ideia para este trabalho surgiu do interesse em abordar uma condição pouco discutida, mas de extrema importância para a saúde e o bem-estar das mulheres: o vaginismo. Ao nos aprofundarmos nesse tema, percebemos que existe uma grande invisibilidade em torno da condição, inclusive entre as próprias mulheres que sofrem com o problema, muitas vezes sem saber, sendo afetadas, seja na questão física, psicológica ou social. Esse cenário nos levou a refletir sobre o motivo de tamanha falta de visibilidade. Percebemos, então, que tanto o vaginismo quanto suas causas permanecem como um grande tabu, por estarem diretamente ligados à intimidade feminina. Essa barreira dificulta o diálogo aberto, o diagnóstico precoce e o tratamento adequado, o que contribui para a manutenção do sofrimento silencioso de muitas mulheres. Apesar do vaginismo ser uma condição com recomendações de tratamento, muitas mulheres sofrem em silêncio por conta dos tabus, da desinformação e da vergonha.

O Vaginismo e o Tabu na Sociedade: A sexualidade feminina é historicamente cercada por repressões culturais e religiosas. Segundo Barreiro (2010), a mulher foi por muito tempo retratada como passiva e reprodutora, tendo sua sexualidade ignorada ou reprimida. Nesse contexto, o vaginismo torna-se um tabu por afetar diretamente a vida sexual da mulher. Muitas vezes é considerado um problema psicológico menor ou até mesmo “frescura”; o que impede a busca por tratamento.

Além disso, de acordo com ABDO (2017) o medo de julgamento e o desconhecimento sobre o próprio corpo dificultam a identificação da disfunção. O silêncio social perpetua o sofrimento de

milhares de mulheres, especialmente porque o vaginismo não é amplamente discutido nem entre profissionais da saúde, que contribui para diagnósticos tardios e experiências traumáticas durante consultas ginecológicas. As mulheres, muitas vezes, internalizam o problema como um fracasso pessoal, perpetuando o estigma e a solidão emocional.

Desejo de Engravidar e as Barreiras do Vaginismo: A tentativa de engravidar pode evidenciar o vaginismo, quando a mulher percebe que não consegue ter relações sexuais completas ou realizar exames ginecológicos básicos. Conforme o estudo publicado na revista *SEXUAL MEDICINE* (2022), o vaginismo é uma das causas psicossomáticas de infertilidade relacional, afetando o bem-estar da mulher e do casal.

A frustração se intensifica com as dificuldades em seguir tratamentos de fertilidade, em vez que exames transvaginais e coletas podem ser extremamente dolorosos ou inviáveis. O sofrimento não é apenas físico mas emocional, pois, como destaca a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde reprodutiva é parte do direito ao bem-estar físico e mental, e sua negação afeta profundamente a qualidade de vida. O ciclo de tentativas frustradas, associado à dor e à vergonha, agrava o estado emocional da mulher, podendo levar a quadros de depressão e isolamento.

Impactos Psicológicos do Vaginismo: Diversos estudos apontam que o vaginismo está associado a transtornos psicológicos. Os principais impactos emocionais identificados incluem:

- **Ansiedade:** A expectativa da dor durante a relação sexual ou exames ginecológicos gera sofrimento antecipado. Segundo ABDO (2017), essa ansiedade está associada a uma antecipação negativa do ato com seu parceiro, muitas vezes agravada por experiências prévias traumáticas ou pela falta de educação sexual adequada. Essa ansiedade pode generalizar-se para outras áreas da vida, resultando em intimidade ou retraimento social.
- **Frustração e culpa:** Mulheres sentem que estão ‘falhando’ como parceiras ou mães, o que intensifica o sofrimento. De acordo com Barreiro (2010), essas emoções estão diretamente ligadas às exigências sociais de desempenho feminino na maternidade e na sexualidade, reforçando o ciclo de dor e silêncio. Essa autocritica constante compromete a autoestima e aumenta a sensação de impotência.
- **Vergonha e sentimento de inadequação:** A vergonha relacionada ao vaginismo está profundamente enraizada em construções sociais que vinculam o valor da mulher à sua função sexual e reprodutiva. Segundo ABDO (2017), essa vergonha gera um bloqueio emocional que impede a mulher de buscar ajuda médica, agravando a sensação de inadequação e diminuindo sua autoestima. O medo de julgamento faz com que muitas mulheres escondam o problema até mesmo de pessoas próximas.
- **Raiva do próprio corpo:** A sensação de que o corpo é um inimigo pode causar autoaversão e isolamento. Nobre e Pinto-Gouveia (2008) destacam que mulheres com vaginismo frequentemente direcionam frustrações ao seu corpo, sentindo-se traídas por um corpo que ‘não responde’ como deveria, o que contribui para o distanciamento social e emocional pessoal em um relacionamento. Medo de nunca conseguir engravidar: O desejo frustrado de engravidar é um fator agravante no quadro de sofrimento emocional. Segundo a OMS (2024), o acesso à reprodução é um direito humano básico, e quando a mulher se vê impedida por uma condição que também afeta sua vida sexual, o medo torna-se crônico, impactando sua saúde mental e autoestima. Esse medo pode evoluir para pânico diante de tentativas frustradas ou tratamentos invasivos.
- **Depressão:** Estudos clínicos indicam correlação entre vaginismo não tratado e quadros depressivos. Conforme a *Sexual Medicine* (2022), mulheres que enfrentam dificuldades sexuais crônicas apresentam maior risco de desenvolver transtornos depressivos, especialmente quando essas dificuldades impactam sonhos como a maternidade. A tristeza

profunda, aliada à sensação de fracasso, pode comprometer a funcionalidade social e profissional da paciente.

- Rejeição ou afastamento do parceiro: Em casos onde o parceiro não compreende o problema, o relacionamento pode se deteriorar. A ABRASEX (2024) observa que a ausência de empatia e comunicação contribui para o afastamento afetivo, prejudicando a intimidade do casal. O parceiro pode interpretar o problema como rejeição pessoal, aumentando o conflito.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Primeiramente, para a compreensão do tema escolhido e dos conceitos abordados durante a pesquisa foram coletadas as informações de um artigo da Revista de Medicina de Minas Gerais, que aborda o conceito de vaginismo e suas respectivas causas, além de explicar como é feito o diagnóstico de tal condição e seu tratamento. Além disso, a pesquisa foi complementada com um artigo encontrado na base de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online).

Em segundo plano, dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foram analisados e utilizados na argumentação das causas para o descaso com a saúde feminina em nossa sociedade, assim como, a matéria “O casal com vaginismo: um olhar da Gestalt-Terapia”, publicada pela IGT na Rede, bem como, “Vaginismo”, pela revista médica de Minas Gerais. Ambas pesquisas foram desfrutadas para a elaboração de uma base argumentativa para o trabalho em questão.

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e bibliográfica, com o objetivo de compreender os impactos psicossociais do vaginismo, suas barreiras socioculturais e os desafios enfrentados pelas mulheres no acesso ao diagnóstico e tratamento. A investigação baseou-se na análise de produções acadêmicas publicadas entre 2008 e 2024, incluindo artigos científicos, livros e documentos de órgãos como a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), a fim de construir uma reflexão crítica sobre a temática. Foram consultadas fontes em bases como SciELO, PubMed, Google Acadêmico e CAPES, priorizando autores que abordam o vaginismo sob as perspectivas médica, psicológica e social, como Abdo (2017), Barreiro (2010) e Nobre & Pinto-Gouveia (2008).

A escolha por um método qualitativo justifica-se pela necessidade de compreender as dimensões subjetivas e simbólicas do problema, especialmente em contextos onde o silêncio e o tabu ainda predominam, conforme apontado por Abdo (2017) e pela ABRASEX (2024).

RESULTADOS ESPERADOS/PARCIAIS

Os resultados da pesquisa evidenciaram a falta de conhecimento da população à respeito do tema, o que enfatiza a importância da discussão sobre o assunto. Dessa maneira, quanto mais a compreensão sobre este tema existir, mais recursos poderão ser disponibilizados para essas mulheres em situação de invisibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Urge destacar que o desleixo converge diretamente com a estrutura social em que essas mulheres estão inseridas. Análogo a isso, pode-se indubitavelmente relacionar as ideias do sociólogo Anthony Giddens, ao criar a Teoria da Estruturação, com as causas do ocultamento do

vaginismo perante o arranjo social. Segundo Giddens, a Teoria da Estruturação, de maneira simplificada, consiste na permanência das estruturas sociais mantidas pelas ações dos indivíduos. Sendo assim, o sociólogo substitui a dicotomia indivíduo-sociedade, pela dinâmica, agência-estrutura, na qual os indivíduos são agentes dotados de ações, o que difere dos conceitos trazidos por sociólogos pré-modernos, habitualmente retratando o sujeito como alguém passível a ação. Nesse sentido, os agentes moldam a estrutura, portanto, uma sociedade machista e patriarcal perpetua a invisibilidade feminina em diversos âmbitos sociais.

Dessa maneira, mulheres com vaginismo se sentem anormais por conta da pressão social exercida desde a infância sobre elas. Além disso, a falta de divulgação sobre uma pauta tão importante reforça o sentimento de exclusão que esse grupo enfrenta diariamente.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita. *Prazer em conhecer: para falar de sexo com liberdade e responsabilidade*. São Paulo: Fontanar, 2017.

AVEIRO, Mariana Chaves; GARCIA, Ana Paula Urdiales; DRIUSSO, Patrícia. Efetividade de intervenções fisioterapêuticas para o vaginismo: uma revisão da literatura. *Fisioterapia e Pesquisa*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 252–258, set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fp/a/DQJ5tsD3KZWpWtJ3kBWztfj/>. Acesso em: 27 maio 2025.

ABRASEX – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS EM SEXUALIDADE HUMANA. Disponível em: <https://www.abrasex.org.br>. Acesso em: 26 maio 2025.

BARREIRO, Elayne. *Corpo e sexualidade: o feminino na história da medicina*. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

BRAVO, M. M.; MELÉNDEZ, L. A. M.; AYALA, M. A. Percepções do viver com vaginismo: estudo por meio do desenho-estória com tema. *Psico-USF*, v. 28, n. 2, p. 319–330, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/3FDgqbWG3HJPH3fdbFL5tQg/>. Acesso em: 27 maio 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Quantidade de homens e mulheres. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 27 maio 2025.

MARTINS, C. M.; MOURA, M. A. A psicologia e a pandemia de COVID-19: reflexões sobre saúde mental e intervenções possíveis. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, n. e203932, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/3FDgqbWG3HJPH3fdbFL5tQg/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2025.

MOREIRA, Ramon Luiz Braga Dias. Vaginismo. *Revista Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 360–365, 2013. Disponível em: <https://rmmg.org/artigo/detalhes/218>. Acesso em: 27 maio 2025.

NOBRE, Pedro; PINTO-GOUVEIA, José. Emotions in women with vaginismus and dyspareunia: negative affect and their effects on sexual functioning. *Journal of Sex Research*, v. 45, n. 6, p. 631–642, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Sexual and reproductive health*. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/sexual-health>. Acesso em: 26 maio 2025.

PINHEIRO, Monica Aparecida de Oliveira. O casal com vaginismo: um olhar da Gestalt-Terapia. *Revista IGT na Rede*, v. 6, n. 10, p. 91–143, 2009. Disponível em: <https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/4901>. Acesso em: 27 maio 2025.

SEXUAL MEDICINE – JOURNAL OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR SEXUAL MEDICINE. Disponível em: <https://academic.oup.com/sm>. Acesso em: 26 maio 2025.